

A MÚMIA

Adolfo Miranda Oleare

Ufes

(...) uma expressão de doçura e de paz taes que se julga vêr o pharaó adormecido e não morto. (*Encyclopedia e Diccionario Internacional*)

Resumo: Reflexão sobre a crítica de Nietzsche ao gesto desistoricizante da tradição filosófica. Para o autor, ao se fundar em conceitos e categorias ideais, a metafísica gera uma desvalorização da efetividade histórica do acontecimento humano.

Palavras-chave: Conceito. Temporalidade. Historicidade.

Abstract: Reflection on the critique of Nietzsche to the gesture of making reality un-historical, practiced by philosophical tradition. For the author, by reason of being grounded in concepts and ideals categories, the metaphysics creates a devaluation of human historical effectiveness of the event.

Keywords: Concept. Temporality. Historicity.

Da cadavérica ascese egípcia

No antigo Egito, sabe-se bem, durante muito tempo cultivou-se a mumificação. O cinema hollywoodiano não deixa a contemporaneidade alheia à memória do fenômeno. A palavra múmia tem origem persa.¹¹ Na língua de Xerxes, *mum* significa “cera ou substância balsâmica”¹². Para a língua portuguesa, o substantivo feminino múmia corresponde a “cadáver humano embalsamado por

¹¹ Cf. *Encyclopedia e Diccionario Internacional*. Rio de Janeiro/Nova York: W. M. Jackson Inc. Editores, sem data, p. 7657-8.

¹² Idem, *ibidem*.

processos especiaes que o conservam muito tempo”¹³.

A meta da mumificação era exatamente impedir a decomposição do corpo, tornando-o incorruptível. Seu processo envolvia – com variações – o mergulho do morto em soluções anti-sépticas, o salgamento, a extração do cérebro e das vísceras, a substituição dos olhos naturais por olhos de esmalte, o preenchimento do estômago com tecido de linho, serra de madeira, erva seca e natrão pisado e obstrução das cavidades do ouvido, boca e nariz com uma massa escura e perfumada, além de seu envolvimento em uma faixa, dos pés à cabeça.¹⁴

No pensar dos egypcios era necessario, com effeito, que o cadaver se não consumisse, porque a duração da alma estava subordinada á existencia do corpo que ella tinha animado. A protecção da mumia no tumulo e a da alma nas suas peregrinações exigia todo um arsenal de cerimoniaes, de orações, de objectos de mobiliario e de amuletos, que se depunham no tumulo ou no ataúde.¹⁵

Nesses termos, o ritual de mumificação, ao que parece, pode ser apropriado como evidência do modo de relacionamento dos egípcios com a vida. Na medida em que paralisavam o percurso natural do corpo morto, idealizavam a existência, corrigindo-a naquilo que ela, por si, era incapaz de realizar. Por resultar de uma interferência artificial na dimensão biológica do corpo, a múmia retrata uma animosidade em relação ao imperativo primeiro da existência, da vida: sua constituição temporal. Em última instância, a finitude, o limite, a consignação entre realização e desrealização. Ela parece querer, especificamente, perpetuar aquilo que perece, estagnando o perecimento. Paradoxalmente, então, quer estagnar a ação do tempo, perpetuando-a. Quer despotenciar o tempo, por meio de uma sabotagem de lastro espiritual, que consiste em fingir a capacidade de, aparentemente, produzir o tempo. Trata-se de golpear a morte, neutralizando-a por uma jogada estética.

A arte da mumificação atingiu o seu apogeu no segundo império thebano, na XVIII.^a e XIX.^a dynastia: produziu

13 Idem, *ibidem*.

14 Idem, *ibidem*.

15 Idem, *ibidem*. As citações seguem fidedignamente a grafia, a acentuação e a pontuação do texto original.

então admiráveis múmias, as mais celebres das quaes, a de Ramsés II e principalmente a de Seti I, teem uma expressão de doçura e de paz taes que *se julga vêr o pharaó adormecido e não morto*.¹⁶ (grifo nosso)

Valorizando a ênfase no aspecto central da múmia – o de legislar sobre a vida, obrigando-a a permanecer naquilo do que já se extraviou –, lê-se, ainda no verbete da *Encyclopedia e Diccionario Internacional* que, transformadas – ou transtornadas – as condições históricas, sociais, econômicas e culturais de outrora, enfim, desgastada a tradição, eis que põe-se em movimento a decadência da arte de mumificar, de modo que seu processo rotineiro passa a ser simplificado e acelerado, substituído por outros menos dispendiosos que, “embora assegurando a conservação do corpo, não permitiam deixar-lhe *essa quasi apparencia de vida que caracterizava as mumias anteriores*.”¹⁷ (grifo nosso)

Conclui-se, da informação enciclopédica, que a concepção da múmia institui um jogo em que unem-se os termos duplicação, aparência, artifício, adulteração, conservação. Não se quer efetuar um estudo sobre este ou aquele tópico da simbologia religiosa egípcia; não ecoa aqui um grão sequer de egiptologia. Contudo, importa significativamente a fábula da múmia, à medida que nela se localiza um paradoxo atraente: a conservação do transmundano pela aparência de conservação do mundano.

Na fábula da múmia a matéria vale, porém de modo idealizado, idealmente adulterado. A múmia encerra em si dupla idealização. Existe para ancorar a alma, mas, em relação ao próprio corpo, é um distanciamento. Mantém o corpo inalterável, intransformável, imóvel. Exatamente o corpo, o próprio lugar da mudança, do movimento, do devir.

Gera a múmia paralisia, ao petrificar o corpo com a idéia de alma. Valorizado, contudo exclusivamente em função de uma avaliação superior da alma, o corpo-múmia distingue-se duplamente de um corpo efetivo, ativo na história. Vira estátua. Não perece como um corpo vivo, não perece como um corpo morto. É cuidadosamente protegido do contato com o ‘exterior’, e corrigido dos erros cometidos pela ‘injusta natureza’. Em sua imobilidade, explicita

¹⁶ Cf. *Encyclopedia e Diccionario Internacional*. Op. cit., p. 7657-8.

¹⁷ Idem, *ibidem*.

a unidade concentrada, constitutiva, de vida e morte: porque não morre, não vive. Não pode se mexer, não se putrefaz, não vira pó. Artíficios o impedem. Está vetada, assim, a ‘vida’, o vigor, o fluxo do continuar morrendo, se desfazendo: segundo golpe na efetividade.

No corpo-múmia está a marca da impossível separação de alma e corpo. Separam-se, sendo inseparáveis; formam então um par constante. Ele, o corpo, agora artificialmente eternizado, a sustém, a anima. O corpo-múmia como alma da alma: “a duração da alma estava subordinada á existencia do corpo que ella tinha animado”¹⁸. Sem um, o outro também não há. A alma é garantida pelo corpo. Não se trata mais de um corpo vivo, nem de um corpo morto. Do corpo ideal, talvez.

Na múmia tudo é ideal. Duplamente ideal. Por meio dela, garante-se o verdadeiro pelo falso, numa operação idêntica àquela imposta pela metafísica ocidental, conforme Nietzsche a compreende: idealismo, anti-natureza. A tais nomes, atribuí o desenvolvimento do Ocidente, a construção dos valores no mundo ocidental. Neles, a vontade de eternidade. A múmia consiste em uma reação contra a morte, que se realiza pelo fingimento de que a vida, no morto, continua. Negando a efetividade, produzindo uma *quasi apparencia de vida* naquele que não mais devém, a mumificação, por fim, atesta o efetivo: a vida é infinita, não se extingue; o vivo cessa.

O empalhamento filosófico da realidade

“Tudo o que os filósofos tiveram nas mãos nos últimos milênios foram *múmias conceituais*” (grifo nosso), lê-se na primeira seção de “A ‘razão’ na filosofia”, capítulo de *Crepúsculo do ídolos*, livro no qual Nietzsche insistentemente irá mostrar como “o preconceito da razão (...) nos leva necessariamente ao erro.”¹⁹ Na segunda seção de “O que devo aos antigos” (o penúltimo capítulo), sugere-se quanto pode ter de egipcismo em Platão: “Pagou-se caro pelo fato deste ateniense ter

¹⁸ Idem, *ibidem*.

¹⁹ Cf. NIETZSCHE. F.W. *Crepúsculo dos ídolos, ou, Como se filosofa com o martelo*. Tradução de Marco Antonio Casa Nova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 28. Daqui em diante esta obra será identificada por *Crepúsculo dos ídolos*.

estudado com os egípcios.²⁰

Trata-se, pois, de tematizar a imagem das múmias conceituais nietzscheanas, e as suas relações com a idéia de uma razão movida pela prática da conceituação metafísica. O que – pergunta-se – produzem os filósofos²¹ ao construírem múmias conceituais? O que embalsamam e paralisam, com sua operação? Isto: a temporalidade, o devir, o acontecimento da própria realidade em sua estrutura

20 Para não se cair numa redução inadequada da obra de Platão, é imprescindível observar que, pela sua grandiosidade e originalidade, Nietzsche propositalmente o caricaturiza, fazendo-o aparecer como o personagem que representa perfeitamente o desenvolvimento do Ocidente no sentido da história platônico-cristã. Antônio Marques afirma que a genealogia de Nietzsche inclui a criação de tipos por meio do estabelecimento de uma “*ficção metodológica*”. Cf. *A filosofia perspectivista de Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial/Unijuí, 2003, p. 15.

21 O termo filósofo está empregado aqui no sentido caricatural de Nietzsche, isto é, como indicação de um tipo fisiológico que, marcado pelo socratismo e pelo cristianismo, produziu um modo de ser, de ver e de avaliar, uma ética e uma estética decadentes, isto é, doentes e repletos de cansaço em relação à vida. Este tipo – o filósofo – é, então, o protagonista da *décadence*, tema crucial para Nietzsche, em toda a sua obra. Cf. p. ex., NIETZSCHE, F. W. *O caso Wagner: um problema para músicos / Nietzsche contra Wagner*: dossiê de um psicólogo. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 1999, p. 43-4: (...) – Toda época tem, na sua medida de força, também uma medida de quais virtudes lhe são permitidas, quais proibidas. Ou tem as virtudes da vida *ascendente*: então resiste profundamente às virtudes da vida declinante. Ou é ela mesma uma vida declinante – então necessita também das virtudes do declínio, então odeia tudo o que se justifica apenas a partir da abundância, da sobre-riqueza de forças. A estética se acha indissolúvelmente ligada a esses pressupostos biológicos: há uma estética da *décadence*, há uma estética *clássica* – algo “belo em si” é uma quimera, como todo o idealismo. – Na esfera mais estreita dos chamados valores morais não se encontra oposição maior do que aquela entre uma *moral dos senhores* e a dos conceitos de valor *cristãos*: esta, aparecida num solo inteiramente mórbido (– os Evangelhos nos mostram exatamente os mesmos tipos fisiológicos descritos nos romances de Dostoiévski); a moral dos senhores (“romana”, “pagã”, “clássica”, “Renascença”), ao contrário, sendo a linguagem simbólica da vida que vingou, que *ascende*, da vontade de poder como princípio da vida. A moral dos senhores *afirma* tão instintivamente como a cristã *nega* (“Deus”, “além”, “abnegação”, puras negações). A primeira partilha a sua abundância com as coisas – transfigura, embeleza, *traz razão* ao mundo –, a segunda empobrece, empalidece, enfieia o valor das coisas, *nega* o mundo.”

inultrapassável de criação e destruição.

Tais filósofos, continua Nietzsche, “acreditam que desistoricizar uma coisa, torná-la uma *sub specie aeterni*, construir a partir dela uma múmia, é uma forma de honrá-la.”²² A exemplo dos egípcios, esses personagens nietzscheanos não suportam o movimento e a temporalidade, fenômenos que refutam a estabilidade, a determinação inalterável acerca do que a realidade seja. Querem uma realidade que não se mexa: “Eles matam, eles empalham, quando adoram, esses senhores idólatras de conceitos.”²³ Como fazem isso? Postulando conceitos últimos acerca das coisas, isto é, procurando-lhes o Ser, entendido como realidade eterna e absoluta, jamais afetada por qualquer indício de tempo, espaço, movimento e relação.

A acusação de Nietzsche gira em torno dessa tara dos filósofos: duplicar a realidade, separar do que aparece, o que então é. Corrompem o aparecimento. Para isso desistoricizam, destacam a realidade das relações que a produzem no tempo e no espaço, despindo-a do onde, do quando, do como, do por quê. Criam a ficção de um real real e um real falso. E nomeiam o efetivo como falsidade. “O que é não *vem-a-ser*, o que vem a ser, não é.”²⁴

Nietzsche refere-se aos edifícios conceituais erguidos pela filosofia, ao longo de dois milênios. À sanha de enquadramento da realidade em sistemas abstratos, em organogramas categoriais. Em sua concepção, o filósofo é aquele que deseja chegar a um alvo que, apesar de resistir a seus esforços, deverá ceder a eles, assim que a abordagem se mostrar correta, compatível, metodologicamente perfeita. Assim, toda a filosofia aparece como uma tentativa de acertar na abordagem. Um jogo de dados? Um jogo de adivinhação? Quer-se chegar a um lugar completamente hipotético, fictício, tomando-o como o mais certo, o único seguro. Põe-se, antes, o fim. Constrói-se rigidamente o caminho, mas o destino, puramente ideal, sempre distante, jamais se mostrará. Os filósofos, ironiza Nietzsche, “acreditam todos, mesmo com desespero, no Ser.”²⁵ Acontece que ele, o Ser, perseguido pelos filósofos, se oculta. Não parece afeito ao sistema da marcação cerrada filosófica; sente-se, ao certo, sufocado. Mas a idolatria conceitual dos

22 Cf. *Crepúsculo dos ídolos*, p. 25.

23 Idem, *ibidem*.

24 Idem, *ibidem*.

25 Idem, *ibidem*.

filósofos os obriga a encontrar um culpado para a situação. Persiste neles o sentimento de estarem sendo ludibriados: “visto que não conseguem se apoderar deste, eles buscam os fundamentos pelos quais ele se lhes oculta.”²⁶

Eis que Nietzsche põe em cena a fala dos filósofos: “É preciso que uma aparência, que um ‘engano’ aí se imiscua, para que não venhamos a perceber o ser: onde está aquele que nos engana?” E quem será, afinal, aquele que engana os filósofos? Para esboçar as respostas prováveis, que se detalhem: a) os filósofos são aqueles que desistoricizam a realidade, quando resolvem dar sentido a ela. Desse modo, criam “múmiás conceituais”, ou seja, mumificam a realidade, mergulhando-a em soluções conceituais, enfaixando-a logicamente, dos pés à cabeça. Assim, “trazem um risco de vida para todos, quando adoram. A morte, a mudança, a idade, do mesmo modo que a geração e o crescimento são para eles objeções – e até refutações.”; b) os filósofos agem, portanto, sob o domínio de alguma crença – eles adoram. E, ao procederem assim, põem em risco a vida de todos. Não são inofensivos, pois, esses personagens. Que risco oferecem? O risco do embalsamamento do real. A efetividade lhes aparece como refutação do ideal para o qual querem criar provas, motivo suficiente para ameaçá-la, refutando-a, em represália, condenando-a como erro. Já se pode assim ver o culpado?

Nós o temos, eles gritam venturosamente, o que nos engana é a sensibilidade! Esses sentidos, *que por outro lado são mesmo totalmente imorais*, nos enganam quanto ao mundo verdadeiro. Moral: conseguir desembaraçar-se do engano dos sentidos, do vir-a-ser, da história, da mentira. História não é outra coisa senão crença nos sentidos, crença na mentira. Moral: dizer não a tudo o que nos faz crer nos sentidos, a todo o resto da humanidade. Tudo isso é o ‘povo’. Ser filósofo, ser múmia, apresentar o monótono-teísmo através de uma mímica de coveiros! – E antes de tudo para fora com o *corpo*, esta *idée fixe* dos sentidos digna de compadecimento! Este corpo acometido por todas as falhas da lógica, refutado, até mesmo impossível, apesar de ser suficientemente impertinente para se portar como se fosse efetivo!²⁷

26 Idem, *ibidem*.

27 Cf. *Crepúsculo dos ídolos*, p. 25-6.

Os criadores de múmias conceituais odeiam a realidade, consideram o próprio corpo, o corpo que eles mesmos são – e os sentidos – imorais. Mentirosos quanto à verdade, enganadores quanto ao mundo verdadeiro, não o deixam mostrar-se. Nietzsche enfatiza: “Em todos os tempos os grandes sábios sempre fizeram o mesmo juízo sobre a vida: *ela não vale nada...*”²⁸ Por que será? Por que tanta má vontade? “Sempre e por toda parte se escutou o mesmo tom saindo de suas bocas. Um tom cheio de *dúvidas*, cheio de *melancolia*, cheio de *cansaço da vida*, um tom plenamente contrafeito frente a ela”.²⁹ (grifo nosso)

Logo, não poderiam os filósofos, insiste Nietzsche, se satisfazer com o mundo efetivo, pois inventaram de julgar elevada uma realidade fictícia, irreal: “*Fala o desiludido*. Eu procurei por grandes homens, mas sempre encontrei apenas os macacos de seu ideal.”³⁰ Como nasce essa depressão? Por meio da linguagem metafísica, imposta pela razão como operação moral³¹, assim como por meio da lógica, da crença em que a definição de causa e efeito deveria resolver por completo, de modo transparente, o problema do conhecimento da realidade. E, também, por meio da gramática³², que substantiva

28 Cf. *Crepúsculo dos ídolos*, p. 17.

29 Idem, *ibidem*.

30 Cf. *Crepúsculo dos ídolos*, p. 15.

31 Cf. *Além do bem e do mal*: prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 25: “moral, entenda-se, como a teoria das relações de dominação sob as quais se origina o fenômeno ‘vida’.” Daqui em diante esta obra será identificada por *Além do bem e do mal*.

32 Cf. *Além do bem e do mal*, p. 26: “Onde há parentesco lingüístico é inevitável que, graças à comum filosofia da gramática – quero dizer, graças ao domínio e direção inconsciente das mesmas funções gramaticais –, tudo esteja predisposto para uma evolução e uma seqüência similares dos sistemas filosóficos: do mesmo modo que o caminho parece interdito a certas possibilidades outras de interpretação do mundo. Filósofos do âmbito lingüístico uralo-altaico (onde a noção de sujeito teve o desenvolvimento mais precário) com toda a probabilidade olharão ‘para dentro do mundo’ de maneira diversa e se acharão em trilhas diferentes das dos indo-germanos ou muçulmanos: o encanto exercido por determinadas funções gramaticais é, em última instância, o encanto de condições raciais e juízos de valor fisiológicos. – (...)”

adjetivos, criando essência para as ações,³³ e afirma para toda ação um agente preexistente, um sujeito indivisível, monadológico, um substrato lançado como base e razão do acontecimento, um átomo, um Eu enquanto substância, lugar de ocorrência da vontade livre como causa em geral, e como causa de si mesmo, arrancando-se “pelos cabelos do pântano do nada em direção à existência”, à moda do barão de Münchhausen³⁴ – sujeito *versus* objeto, sujeito como condição do predicado.³⁵

“Cucolândia das Nuvens”, terra da filosofia

Para Nietzsche, a idéia de finalidade, fixada pela filosofia – esse pretendo lugar da verdade! –, é uma estratégia moral para se justificar

³³ Cf. “Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral”. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 34. (Coleção Os pensadores): “Denominamos um homem ‘honesto’; porque ele agiu hoje tão honestamente? – perguntamos. Nossa resposta costuma ser: por causa da sua honestidade. (...) O certo é que não sabemos nada de uma qualidade essencial, que se chamasse ‘a honestidade’, mas sabemos, isso sim, de numerosas ações individualizadas, portanto desiguais, que igualamos pelo abandono do desigual e designamos, agora, como ações honestas; por fim, formulamos a partir delas uma *qualitas occulta* com o nome: ‘a honestidade’. A desconsideração do individual e efetivo nos dá o conceito (...)”. Daqui em diante esta obra será identificada por “Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral”.

³⁴ Cf. *Além do bem e do mal*, p. 27.

³⁵ Cf. *Além do bem e do mal*, p. 23: “Quanto à superstição dos lógicos, nunca me cansarei de sublinhar um pequeno fato que esses supersticiosos não admitem de bom grado – a saber, que um pensamento vem quando ‘ele’ quer, e não quando ‘eu’ quero; de modo que é um *falseamento* da realidade efetiva dizer: o sujeito ‘eu’ é a condição do predicado ‘penso’. Isso pensa: mas que ‘isso’ seja precisamente o velho e decantado ‘eu’ é, dito de maneira suave, apenas uma suposição, uma afirmação, e certamente não uma ‘certeza imediata’. E mesmo com ‘isso pensa’ já se foi longe demais; já o ‘isso’ contém uma *interpretação* do processo, não é parte do processo mesmo. Aqui se conclui segundo o hábito gramatical: ‘pensar é uma atividade, toda atividade requer um agente, logo –’. Mais ou menos segundo esse esquema o velho atomismo buscou, além da ‘força’ que atua, o pedacinho de matéria onde ela fica e a partir do qual atua, o átomo; cérebros mais rigorosos aprenderam finalmente a passar sem esse ‘resíduo de terra’, e talvez um dia nos habituemos, e os lógicos também, a passar sem o pequeno ‘isso’ (a que se reduziu, volatizando-se, o velho e respeitável Eu).”

um dever ser do homem; em última instância, para justificar sua domesticação, a partir de valores que, por um embasamento transmundo, não podem ser discutidos, transgredidos, aviltados. O que se apresenta filosoficamente como finalidade não passa, segundo Nietzsche, de um meio.

O conhecimento funciona, aí, como instrumento de um impulso mais fundamental: o impulso de dominar, que ambiciona impor uma interpretação hegemônica acerca da realidade e, para mantê-la firme, um sistema moral inabalável, segundo o qual deve comportar-se o homem. Assim, a filosofia “cria o mundo à sua imagem, não consegue evitá-lo; filosofia é esse impulso tirânico mesmo, a mais espiritual vontade de poder, de ‘criação do mundo’, de *causa prima* [causa primeira].”³⁶

Toda lógica, dirá, quer no fundo conservar instintivamente uma determinada perspectiva de pensamento, de lida com a vida, de interpretação da realidade. Valendo-se da máscara da independência, da autonomia, da exata limitação formal, da universalidade,³⁷

³⁶ Cf. *Além do bem e do mal*, p. 15.

³⁷ No clássico Prefácio à Segunda edição da *Crítica da razão pura*, Kant apresenta sua concepção acerca do sucesso da lógica: “Confundir os limites das ciências entre si não constitui um aumento e sim uma desfiguração das mesmas. O limite da Lógica acha-se determinado de maneira bem precisa, por ser ela uma ciência que expõe circunstanciadamente e prova de modo rigoroso unicamente as regras formais de todo o pensamento (seja ele *a priori* ou empírico, tenha ele a origem ou o objeto que quiser, encontre ele em nosso ânimo obstáculos acidentais ou naturais). A Lógica deve a vantagem do seu sucesso simplesmente à sua limitação, pela qual ela se autoriza e mesmo se obriga a abstrair de todos os objetos do conhecimento e das suas diferenças, de modo a não se ocupar o entendimento nela com nada mais do que consigo mesmo e com sua forma. Para a razão devia ser, naturalmente, muito mais difícil encetar o caminho seguro da ciência, quando ela trata não somente de si mesma, mas também de objetos. Por isso constitui também a Lógica como propedêutica apenas uma espécie de vestibulo das ciências e, quando o assunto é o conhecimento, pressupõe-se uma Lógica para o seu julgamento, devendo-se, porém, procurar a sua aquisição nas próprias e objetivamente chamadas ciências.” (KANT. I. *Crítica da razão pura*. Tradução de Valério Rohden. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p. 9-10. Coleção Os pensadores)

consegue dissimular as valorações sobre as quais se sustém, “as exigências fisiológicas para a preservação de uma determinada espécie de vida.”³⁸

Concebe Nietzsche que o filósofo – ressentido da condição faltosa, desnecessária e imperfeita da vida terrena, sempre ainda a se fazer, isenta de finalidade e utilidade, perdida em relação ao conhecimento de sua causa própria, sua razão de ser, isto é, inacessível a um julgamento acerca de seu valor, acerca de seu “em si” – depõe contra a vida terrena, criando, para sustentá-la, um fundamento dogmaticamente transmundano. O filósofo, para Nietzsche, não se obriga, contudo, a questões mais difíceis. O valor da lógica, por exemplo, lhe é indubitável: “o material inteiro, no qual e com o qual mais tarde o homem da verdade, o pesquisador, o filósofo, trabalha e constrói, provém, se não de Cucolândia das Nuvens, em todo caso não da essência das coisas.”³⁹ A gênese da linguagem lógica, portanto, nada tem de lógica: “é preciso que já tenhamos estado ao menos uma vez em um mundo mais elevado (ao invés de *em um muito inferior*: o que teria sido a verdade!) e que aí tenhamos nos sentido em casa. É preciso que tenhamos sido divinos, *pois* temos a razão!”⁴⁰

³⁸ Cf. *Além de bem e mal*, p. 11: “Depois de muito tempo ler nos gestos e nas entrelinhas dos filósofos, disse a mim mesmo: a maior parte do pensamento consciente deve ser incluída entre as atividades instintivas, até mesmo o pensamento filosófico; aqui se deve mudar o modo de ver, como já se fez em relação à hereditariedade e às ‘características inatas’. Assim como o ato de nascer não conta no processo e progresso geral da hereditariedade, também ‘estar consciente’ não se opõe de algum modo decisivo ao que é instintivo – em sua maior parte o pensamento consciente de um filósofo é secretamente guiado e colocado em certas trilhas pelos seus instintos.”

³⁹ Cf. “Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral”, p. 34.

⁴⁰ Cf. *Crepúsculo dos ídolos*, p. 29, quando Nietzsche refere-se aos primórdios da inferência, donde resultará, “*tardamente*, o pensamento lógico um tanto mais agudo, a rigorosa investigação de causa e efeito (...)”, conforme tematiza também em *Humano demasiado humano*, p. 24.

REFERÊNCIAS

Encyclopedia e Dicionario Internacional. Rio de Janeiro/Nova York: W. M. Jackson Inc. Editores, sem data.

KANT, I. *Crítica da razão pura*. Tradução de Valério Rohden. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Coleção Os pensadores)

MARQUES, A. *A filosofia perspectivista de Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial/Unijuí, 2003.

NIETZSCHE, F. W. *Crepúsculo dos ídolos, ou, Como se filosofa com o martelo*. Tradução de Marco Antonio Casa Nova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

NIETZSCHE, F. W. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, F. W. “Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral”. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção Os pensadores)

NIETZSCHE, F. W. *O caso Wagner: um problema para músicos / Nietzsche contra Wagner*. dossiê de um psicólogo. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

Recebido em 21/08/2008
Aprovado em 12/09/2008